

HIBRIDISMO CULTURAL: O IMAGINÁRIO EUROPEU NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA DO PRIMEIRO SÉCULO DE COLONIZAÇÃO BRASILEIRA¹

Anne Caroline Mariank Alves SCALIA²

Paulo Rennes Marçal RIBEIRO³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar e analisar as concepções acerca da sexualidade e de comportamentos e condutas sexuais femininas, formados a partir da incorporação de informações e valores adquiridos sob o olhar, regras e relações estabelecidas com as orientações do Santo Ofício Inquisitorial em sua visita ao Brasil no final do século XVI. É uma pesquisa de cunho histórico em que utilizamos como metodologia a pesquisa exploratória e bibliográfica. No século XVI aumenta a pressão da Igreja para mudar os costumes sexuais que eram livres na Idade Média, fato que influencia as regras e normas que serão adotadas pelo Santo Ofício no tocante à vida sexual das pessoas. A primeira estrutura sexual brasileira foi pautada na aliança entre índios e colonizadores, o que levou a adoção, por parte dos portugueses, dos costumes da terra, que incluíam práticas sexuais livres, já que os indígenas estavam fora da influência cristã. Reforçados pela ausência de mulheres brancas, os colonizadores tomavam para si mulheres da terra, geralmente mais de uma, criando confronto com os jesuítas que condenavam a poligamia indígena. É neste contexto que, em 1591, desembarca em terras brasileiras Heitor Furtado de Mendonça e, com ele, a Primeira Visitação do Santo Ofício, para investigar, argüir, devassar ânimos e comportamentos, descobrir a verdade dos fatos, enfim, para demonstrar os erros da fé e puni-los com o rigor da lei eclesiástica. Sua passagem abre-nos vestígios para a visualização da sexualidade vigente no “trópico”: um universo misógino-racista em que negras da terra e mulheres degradadas podiam ser submetidas aos desejos do homem branco, com as quais podia copular a vontade. Sozinhas e esquecidas, as mulheres da Colônia não encontraram margem para denunciar ou se expressar e eram estigmatizadas pelo olhar dos viajantes e cronistas que por aqui passaram.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. História da educação sexual. Brasil Colônia. Século XVI. Inquisição.

Introdução

¹ Este texto foi apresentado, originalmente, no VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste – ANPEDINHA, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo em Maio de 2007. Apoio CNPq.

² Doutoranda em Educação Escolar. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letra. Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - sapidemens@yahoo.com.br

³ UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Psicologia da Educação. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - paulorenes@fclar.unesp.br

O objetivo deste trabalho é investigar e analisar as concepções acerca da sexualidade e de comportamentos e condutas sexuais femininas, formados a partir da incorporação de informações e valores adquiridos sob o olhar, regras e relações estabelecidas com as orientações do Santo Ofício Inquisitorial durante o primeiro século do período colonial brasileiro. Não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente constitutiva do país, mas de destacar a importância que o discurso da sexualidade assume na leitura que fazemos de nossas origens históricas.

A história tem mostrado que a mulher sempre foi a grande vítima no terreno da discriminação. Um dos registros mais antigos da situação social de inferioridade feminina encontra-se, justamente, no mito católico sobre a origem da espécie humana. As mulheres tornaram-se sobra desta Eva, deste mito submisso e pecador aos olhos da Igreja. Até o final do século XIX, as teorias ditas “científicas” eram formuladas pelos homens e, a tentativa de explicar a sexualidade feminina permaneceu carregada de preconceitos e erros (DEL PRIORE, 2001, p.84) e mesmo no final do século XX, ainda se acreditava que as mulheres não se interessavam por sexo, pois seu sistema genital só serviria para a procriação da espécie.

A educação sexual disseminada na sociedade brasileira em sua vertente popular desde a Colônia forja esta discriminação e dá o contorno da nossa cultura sexual, pois as atitudes e comportamentos sexuais correntes poderão ser mais ou menos preconceituosos, mais ou menos misóginos ou mais ou menos androcêntricos exatamente por causa da influência dos valores cunhados sob a égide da igreja e da Medicina.

Trabalhos recentes como o de Reis e Ribeiro (2004) e Ribeiro (2002, 2004, 2005) têm realizado inovadores estudos sobre momentos históricos e a educação sexual no Brasil, mas como salienta o próprio Ribeiro (2005, p.02). Da colônia “[...] até nossos dias temos quinhentos anos de história, mas a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância.” Desta forma, as relações e influências religiosas do período inquisitorial sob esse campo temático elucidam questões pertinentes que necessitam ser observadas ou até mesmo revistas para que se possa entender a difusão de idéias sexuais que influenciaram não apenas conceitos, mas comportamentos e atitudes das gerações posteriores.

Contexto social da colônia

Como nos ensina Lévi-Strauss (1996), partindo da relação entre masculino/feminino constituindo-se, portanto, como pares binários, opostos e complementares, refletimos sobre o sistema de representações sociais (DURKHEIM, 1973) presentes no imaginário quinhentista europeu, especificamente o que ele nos informa, através de crônicas como as de Hans Staden e Jean de Léry e documentos inquisitoriais, sobre a sexualidade na “terra Brasil” e a sua transformação no contato com visitantes do Santo Ofício durante o final do século XVI. Isto é, através da estrutura masculino/feminino que constrói a sexualidade (a alteridade e a identidade sexual dos seres humanos), pretendemos analisar as transformações dessa mesma sexualidade no contato, na maior parte das vezes crítico, com o europeu catequizador ou mesmo com as práticas inquisitoriais. Contudo, sem ignorar que toda cultura do contato, decorrente da fricção interétnica, é um sistema de valores altamente dinâmico que engendra novas categorias sociais (OLIVEIRA, 1976), o que nos permite, desta forma, pensar em transformações mútuas, embora desiguais, acontecendo nesta modalidade de contato interétnico. A primeira estrutura sexual brasileira foi pautada na aliança entre índios e colonizadores, o que levou a adoção, por parte dos portugueses, dos costumes da terra, que incluíam práticas sexuais livres, já que os indígenas estavam fora da influência cristã. Reforçados pela ausência de mulheres brancas, os colonizadores tomavam para si mulheres da terra, geralmente mais de uma, criando confronto com os jesuítas que condenavam a poligamia indígena. É neste contexto que, em 1591, desembarca em terras brasileiras Heitor Furtado de Mendonça e, com ele, a Primeira Visitação do Santo Ofício, para investigar, argüir, devassar ânimos e comportamentos, descobrir a verdade dos fatos, enfim, para demonstrar os erros da fé e puni-los com o rigor da lei eclesiástica (VAINFAS, 1997). Sua passagem abre-nos vestígios para a visualização da sexualidade vigente no “trópico”: um universo misógino-racista em que negras da terra e mulheres degradadas podiam ser submetidas aos desejos do homem, com as quais podia copular a vontade.

No século XVI aumenta a pressão da Igreja para mudar os costumes sexuais que eram livres na Idade Média, fato que influencia as regras e normas que serão adotadas pelo Santo Ofício no tocante à vida sexual das pessoas. Esta pressão é exercida com violência contra aqueles que são considerados praticantes de atos deminíacos, incluindo aqui a bruxaria e as práticas sexuais não concordantes com as aceitas pela Igreja, como a sodomia. O sexo era relacionado ao demônio e acreditava-se que as mulheres eram mais sexuais por natureza, portanto, mais suscetíveis a sua sedução (KRAMER, 1993). No entanto, esse mesmo sexo que é reprimido para as mulheres, encontra vazão para o homem. Realizada pelos homens em mulheres, a tortura em geral permitia experimentos sádicos e investidas sexuais gratuitas. Quando uma mulher era açoitada, ela tinha de ser despida até a cintura, os seios ficando nus para o público. Para tentar forçar uma confissão, podiam aplicar-lhes repetidamente, ferros quentes nos olhos e em suas axilas, na boca de seu estômago, coxas, cotovelos ou mesmo na vagina (BARSTOW, 1995). Personalidades sádicas buscam o controle da vida sexual das esposas ao mesmo tempo em que extravasam sua energia sexual reprimida na agressão de seu proibido objeto de desejo: a mulher.

A base da teoria demonológica foi assentada por inquisidores italianos e espanhóis, mas curiosamente nesses países, assim como em Portugal, a caça às bruxas não ocorreu. Dado o poder da família, especialmente dos clãs, na vida social e política dos países ibéricos e ao fervor de seu cristianismo, podemos acreditar que estes, leigos ou religiosos, não quiseram atacar suas próprias mulheres. Hereges, judeus e mouros eram, portanto, suspeitos por sua religião, mas as mulheres cristãs eram vistas pelos homens como parte de seu grupo, não como estranhas. Como mães, eram na verdade fiadoras da pureza do grupo, o que poderia justificar o menor índice de denúncias contra mulheres em Portugal em todo século XVI e o olhar diabólico perante as índias da Colônia brasileira. Desta forma, a Inquisição do Santo Ofício que atraca no Nordeste brasileiro ao final do século XVI, não busca feiticeiras, o que já era um alívio, mas vem carregada por um imaginário europeu que será transposto para a colônia americana e seus habitantes. Não pretendo dizer, desta maneira, que o demônio estivesse ausente na fala dos portugueses ao se referirem aos índios, pelo contrário, consideravam quase tudo diabólico nos ameríndios que habitavam o

litoral, mormente a nudez, as lubricidades e o canibalismo, costumes fartamente demonizados pelos jesuítas.

Contexto sexual na colônia

Principalmente as índias, nos primeiros relatos e crônicas sobre o Brasil, ganharam lugar de destaque no construto literário seiscentista europeu, como na fala de Hans Staden no capítulo 24 de sua obra, curiosamente denominado “Como transformam suas mulheres em feiticeiras”:

Primeiro, os selvagens vão para uma cabana, pegam todas as mulheres da cabana e aplicam-lhes fumaça. Depois a mulher precisa gritar, pular e dar voltas até que fica tão exausta que cai ao chão como se estivesse morta. Então o feiticeiro diz: “Vejam, agora ela está morta. Logo a farei viver novamente”. Quando ela volta a si, ele diz que doravante está apta a adivinhar coisas futuras, e quando vão guerrear, as mulheres devem fazer adivinhações sobre a guerra. (STADEN, 1999, p.103).

Outra visão preconceituosa pode ser encontrada no trecho abaixo:

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto; digo propositadamente curto pranto porque essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de come-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. (LÉRY, 1980, p.178).

Também em relação à vida sexual da índia são numerosos os relatos que a qualificam de lasciva e propensa aos deleites da carne, como explica Ribeiro (2005, p.04):

O português recém-chegado seguia a natureza para a liberação do desejo: se havia mulheres disponíveis, porque não fazer sexo? O colono encontrava-se no Paraíso, no meio de índias que se apresentavam tais como Eva em sua inocência e deixava que aflorasse o desejo para que fosse saciado com tantos corpos quanto se apresentassem. A nudez dos índios e índias e a relação sexual livre de interditos e impedimentos assustavam os padres. Os jesuítas tinham verdadeira aversão à nudez, a

mesma nudez que era corrente e natural na Idade Média a ponto de até os santos serem retratados nus. A Índia não via o ato sexual com o pudor da mulher européia e isto era estímulo para os portugueses. De inocente ela não tinha nada, prevalecia a visão de propensa aos deleites sexuais, já que indistintamente se entregava com a maior naturalidade. Os jesuítas não aprovavam essa união indiscriminada e levantavam a voz contra práticas sexuais tão contrárias aos princípios da Igreja Católica, entre eles o Padre Manoel de Nóbrega.

Temos, na Colônia, duas linhas antagônicas de educação sexual: uma baseada na liberdade sexual, na naturalidade da nudez e na autonomia da mulher, práticas adjetivadas pelos colonizadores como “deleites sexuais”, e a outra, trazida pelos jesuítas que condenavam a nudez, a poligamia indígena e outros costumes nativos.

É este o cenário que encontra Heitor Furtado de Mendonça quando desembarca no Brasil, possibilitando a realização de autos de fé públicos em que visualizamos o cotidiano sexual abaixo do Equador, como exemplificam as passagens abaixo, referentes a depoimentos de acusados, cuja descrição dos atos demonstram a submissão feminina em questões sexuais.

Neste depoimento, a insistência sede lugar à ameaça, mostrando uma mulher branca que respeita os valores e a moral ditados pela Igreja, ao mesmo tempo em que se mantém submissa ao “poder” de homens por conta do medo.

Assim ocorreu em certa ocasião, no ano de 1589, quando tentou seduzir a comadre Luíza de Almeida na capela do seu engenho, tencionando saciar-se ali mesmo, sem pedir licença a Deus. Luíza, que tinha então 26 anos, procurou dissuadi-lo alegando que, além de casada, ela era sua comadre, e a Igreja proibia cópulas entre parentes espirituais. Fernão não se fez de rogado, dizendo-lhe com deboche que tanto fazia “dormir carnalmente” com comadre ou qualquer mulher, e que o mais eram carantonhas, medos tolos, e “que com uma bochecha d’água se lavava tudo”. Ainda assim Luíza resistiu, irritando Fernão, que de sedutor transformou-se no prepotente senhor escravocrata: que Luíza copulasse com ele ali mesmo, na Igreja, pois do contrário faria amarrar seu marido numa árvore e dormiria com ela na frente dele. (VAINFAS, 1999, p.91).

Este outro depoimento insere-se, plenamente, no universo misógino-racista do seu tempo: negras da terra, mulheres degradadas com as quais se podia copular à vontade, que Deus não se ofenderia por isso, eis o que pensavam os lusitanos da Colônia:

[...] agarrou uma “moça⁴ cristã de gentio da terra, virgem”, e a possuiu pelo vaso traseiro, consumando a cópula com poluição” [...] contou o fato ao Visitador do Santo Ofício [...] ocasião em que procurou se desculpar dizendo que “errara de vaso” ao juntar-se com a moça, residindo na sodomia a sua culpa. (VAINFAS, 1999, p.91-92).

Sozinhas e esquecidas, as mulheres da Colônia não encontraram margem para denunciar ou se expressar e eram estigmatizadas pelo olhar dos viajantes e cronistas que por aqui passaram.

A sexualidade passava a pertencer ao mundo feminino e o trabalho ao mundo masculino. O apetite sexual descrito pelos cronistas, na maioria jesuítas, era comparado ao desejo das velhas índias tupinambás de comer carne humana, reunindo em si os piores atributos de Eva. A Bíblia já havia representado a mulher como fraca e suscetível. Os eruditos do final da Idade Média partem comumente da falta de autocontrole para explicar as perversões sexuais das mulheres. Aí está incluído o desejo canibal, que aproxima o ato de beber e comer, à cópula. Se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração permite entender as características atribuídas às velhas índias (RAMINELLI, 2004).

Conclusão

Foram os textos destes cronistas pioneiros do Brasil e os relatos inquisitoriais que chegaram à Europa e perpassaram os anos, o tempo, fincaram raízes em uma literatura equivocada sobre as terras recém-descobertas, uma literatura que influenciou anos de história sobre a sexualidade existente na “terra brasilis”. Nós não somos filhos de uma nação onde o pecado era permitido, somos constituídos a partir de uma nação incompreendida aos olhos dos europeus, mais do que isso, somos uma nação “forjada” e construída pelo imaginário quinhentista europeu (e não simplesmente português), que nos legou até hoje a idéia “que não existe pecado ao sul do Equador”.

⁴ “Moça”, palavra que na época significava rapariga de tenra idade, pouco mais que uma menina.

Finalizando, chamamos a atenção para um ponto interessante: é basicamente em torno da dimensão sexual que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. O desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história estaria contido, em germe, nesses traços que se constituíram durante o período colonial, nas relações primárias que se estabeleceram na “infância” do Brasil. A educação sexual da Colônia se mantém presente até os dias de hoje, pois a cultura sexual brasileira se formou a partir das práticas e costumes sexuais combatidos, mas não eliminados, que foram introjetados de geração para geração.

Se hoje consideramos importantes os debates sobre questões de igualdade entre os gêneros, campanhas contra a homofobia e levar a educação sexual para a sala de aula, não podemos deixar de considerar importante a historiografia da educação sexual no Brasil, área que carece de obras e pesquisas que sirvam de parâmetros e subsídios para a compreensão da evolução das concepções de sexualidade e a institucionalização dos saberes sexuais no Brasil.

***CULTURAL HYBRIDT: THE EUROPEAN IMAGINARY AND THE
CONSTRUCTION OF WOMAN SEXUALITY IN THE FIRST CENTURY OF
BRAZILIAN COLONIZATION***

ABSTRACT: *The aim of this study is to investigate and analyze the conceptions of sexuality and female sexual behavior and conduct, formed from the merger of information and securities purchased under the eyes, rules and guidelines established relations with the Holy Office during his visit to Inquisitorial Brazil in the late sixteenth century. It is a survey of historical methodology in which we used as the exploratory research and literature. In the sixteenth century the Church increases the pressure to change the sexual mores that were free in the Middle Ages, a fact which influences the rules and regulations that are adopted by the Holy Office regarding the person's sex life. The first structure was based on Brazilian sexual alliance between Indians and settlers, which led to sugar, by the Portuguese, the customs of the land, which included sexual practices free since the Indians were out of Christian influence. Supported by the absence of white women, the settlers took them wives of the earth, usually more than one, creating conflict with the Jesuits who condemned Indian polygamy. In this context, in 1591, landed on Brazilian soil Heitor Furtado de Mendonca, and with it, the First Visitation of the Holy Office to investigate, arguing, exploring feelings and behaviors, to discover the true facts, finally, to demonstrate the errors Faith and punish them with the rigor of ecclesiastical law. His passing opens us*

to visualize traces of sexuality in the current "Tropic" a racist, misogynist world where black women and degraded land could be subject to the wishes of the white man, with whom he could mate at will. Alone and forgotten, women have not found the colony margin to denounce or to speak and were stigmatized by the look of travelers and writers have been through here.

KEYWORDS: *Sexuality. Sex education's history. Colonial Brazil. Sixteenth Century. Inquisition.*

REFERÊNCIAS

BARSTOW, A. L. **Chacina de feitiçeras:** uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Tradução de Ismênia Tupy. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001, p. 78-114.

DURKHEIM, È. **Formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os pensadores).

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feitiçeras** (*Malleus Maleficarum*). Tradução de Paulo Fróes. 9.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

LÉVI-STRAUSS, C. **Atropologia estrutural.** Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

RAMINELLI, R. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.11-44.

REIS, G. V. dos; RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.27-71.

RIBEIRO, P. R. M. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Educação, 2005. p.01-15.

_____. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.15-25.

_____. A sexualidade na história. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial FCL - UNESP, 2002. p. 9-16.

STADEN, H. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes (século XVI)**. São Paulo: Terceiro Nome, 1999. p.88-117.

VAINFAS, R. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.